

THOMAS D. ROGERS

**AS FERIDAS MAIS
PROFUNDAS**

UMA HISTÓRIA DO TRABALHO
E DO AMBIENTE DO AÇÚCAR NO
NORDESTE DO BRASIL

Tradução
Gilson César Cardoso de Sousa



editora
unesp

SUMÁRIO

Ilustrações 9

Abreviaturas 11

Agradecimentos 13

Introdução – As feridas de um povo e de uma paisagem:
história de trabalho e agroambiente 17

PARTE I – A PAISAGEM DA ZONA DA MATA ATÉ OS
ANOS 1930

Capítulo 1 – Um verde eterno: a *longue durée* da Zona da
Mata 43

Capítulo 2 – Uma paisagem de trabalho: o discurso
ambiental da elite nordestina do açúcar, de Nabuco a
Freyre 77

Capítulo 3 – Uma paisagem de cativo: poder e
definição de trabalho e espaço 111

PARTE II – A ABERTURA DA ZONA DA MATA, 1930-1963

Capítulo 4 – Modernização da indústria do
açúcar: expansão da cana e o caminho para a
racionalização 149

Capítulo 5 – A Zona da Mata em chamas: revolta política,
greves e fogo 187

PARTE III – A DITADURA GOVERNA A ZONA DA MATA

(1964-1979)

Capítulo 6 – A única saída: trabalhadores, fazendeiros e ditadura 231

Capítulo 7 – Um *boom* agrícola e suas consequências inesperadas 263

Conclusão – Poder, trabalho e agroambiente das lavouras de cana de Pernambuco 295

Referências bibliográficas 315

Índice remissivo 345

INTRODUÇÃO

AS FERIDAS DE UM POVO E DE UMA PAISAGEM: HISTÓRIA DE TRABALHO E AGROAMBIENTE

“A monocultura, a escravidão e o latifúndio, mas principalmente a monocultura; aqui é que abriram aqui na vida, na paisagem e no caráter da gente as feridas mais profundas.”¹ Num longo ensaio de 1937 sobre o Nordeste brasileiro, o escritor pernambucano Gilberto Freyre fez esse melodramático resumo da herança histórica da região açucareira de Pernambuco. Freyre chama de “forças destrutivas” atuantes no passado de sua região o brutal e racista sistema de escravidão e a concentração de terras nas mãos de uns poucos poderosos e gananciosos. Mas sente que os males da monocultura – o cultivo extensivo de uma única lavoura – excedia todos os outros. O açúcar, não as pessoas que se beneficiavam dele, é que trouxe a escravidão e exigiu a produção em larga escala, barrando a emergência de uma sociedade agrícola diversificada. Freyre emprega as mesmas imagens em outra parte, descrevendo “as duas feridas sempre abertas da monocultura e da escravidão, duas bocas enormes pedindo dinheiro e pedindo negro”.² Para Freyre, cana e escravidão africana se misturavam, arrasando o solo e deixando atrás de si uma sociedade ferida. Poluíam rios com os dejetos dos engenhos, destruíam vastas florestas e fomentavam o domínio violento dos escravos pelos senhores.

Embora vergastasse a dominação gêmea da terra e do trabalho, Freyre ajudou a elaborar um discurso elitista sobre a região açucareira que consagrou

1 Freyre, *Nordeste*, p.18.

2 Freyre, *Mansions and Shanties*, p.ii.

essas operações de poder. Ainda assim, suas observações oferecem ideias esclarecedoras sobre o passado da região e suscitam importantes perguntas. Que danos a monocultura provoca e até que ponto os sistemas de exploração da agricultura e do trabalho, detectados por ele no período colonial, permanecem relevantes no século XX? As feridas que Freyre descreve continuam abertas, prejudicando a paisagem e o povo? Séculos de cultura da cana e trabalho repressivo moldaram a paisagem da região açucareira de Pernambuco, frequentemente chamada de “Zona da Mata”? O presente livro examina esses legados, recorrendo a uma narrativa da história do trabalho e do agroambiente. É uma abordagem que ilumina novas facetas das relações entre trabalhadores e fazendeiros, lançando nova luz sobre o papel do Estado na mudança agrícola. Incorporando as dimensões intelectual e cultural, bem como material, do ambiente, enfoca as personagens envolvidas mais de perto na mudança da paisagem: os trabalhadores. Trata-se de uma história do trabalho vista pelo prisma da mudança agroambiental: não é a história do trabalho de uma comunidade, sindicato ou unidade produtiva.

Questões de trabalho e terra têm inspirado obras sobre Pernambuco há mais de um século. Em 1883, o abolicionista Joaquim Nabuco condenava a escravidão por incentivar uma “luta dos homens contra a terra”.³ Quando Freyre abordou o tema, lamentando as feridas abertas pela escravidão e o açúcar, a ele se juntaram outros intelectuais dos anos 1930 que refletiam sobre associações semelhantes. O nacionalmente famoso escritor José Lins do Rego ambientou uma série de cinco romances na Zona da Mata, e um deles retratava o ponto de vista de um trabalhador da lavoura de cana que emigra para a cidade.⁴ Contudo, o discurso elitista que ressaltou a importância do ambiente também consolidou as relações de poder entre fazendeiros e trabalhadores. A persistência desses temas durante o período considerado ajuda a explicar por que a historiografia de Pernambuco carece de uma obra consistente sobre a transição do cativo para a liberdade, porquanto o fato de se presumir o duradouro poder dos fazendeiros atenuou a importância da abolição como um momento decisivo.⁵

3 Nabuco, *Abolitionism*, p.III

4 O romance centrado no trabalhador é *O moleque Ricardo*, de José Lins do Rego. Logo no início do livro, Ricardo viaja para o Recife e começa a trabalhar em uma padaria.

5 A escassa literatura sobre o período da abolição marca uma profunda diferença entre a literatura sobre Pernambuco e a literatura sobre os estados mais ao sul do Brasil, particularmente

A transição do trabalho escravo para o trabalho livre não provocou em Pernambuco mudanças tão gritantes quanto as vivenciadas nas mais dinâmicas regiões cafeeiras do sul do Brasil, mas estimulou a emergência de um novo conjunto de relações de trabalho em torno de locação nas fazendas. Este livro oferece primeiro uma visão telescópica da Zona da Mata durante o longo período de ocupação europeia e em seguida descreve o período entre a década de 1870 e a de 1930, analisando o discurso da elite sobre a paisagem e o discurso dos trabalhadores dos canaviais. Em seguida, o livro enfoca os anos 1930, avançando para estudar as novas perspectivas trazidas por agrônomos, cientistas sociais, reformadores e burocratas. As intervenções cada vez mais numerosas desses grupos afetaram a estrutura social básica existente entre fazendeiros e trabalhadores, introduzindo novas dinâmicas na história de mudança do trabalho e do agroambiente na Zona da Mata.

Esta narrativa, que capta toda a complexidade da essência agroindustrial da região, permite-me acrescentar um novo contexto aos eventos que deram tamanha notoriedade à região. Em novembro de 1963, os herdeiros da histórica classe dominante enfrentaram um tremendo desafio por parte de trabalhadores dos canaviais, quase todos descendentes de escravos africanos, quando eles realizavam a maior greve na história do movimento trabalhista rural do Brasil. Durante a mobilização, 200 mil trabalhadores rurais cruzaram os braços, paralisando por completo os engenhos do estado.⁶ Ganharam forças após oito anos de organização camponesa, seguida de uma rápida sindicalização do setor. A atenção do país e do mundo se voltou para o que acontecia numa região onde, segundo um artigo do *New York Times* de 1960, “a sobrevivência física é a única preocupação”.⁷ A greve provocou um amplo debate nacional sobre a reforma agrária e a região mereceu a mais alta prioridade para a ajuda da recém-fundada Aliança para o Progresso, do

Rio de Janeiro e São Paulo. Estudiosos publicaram inúmeras obras sobre as experiências desses estados durante a transição, no final do século XIX, da escravidão para a pós-escravidão. Ver, por exemplo, D. A. S. de Moura, *Saindo das sombras*; Mattos de Castro, *Das cores do silêncio*; Chalhoub, *Visões da liberdade*. É interessante que um dos poucos estudos sobre esse período em Pernambuco tenha sido escrito por um americano: Galloway, *Last Years of Slavery*.

6 Um texto que capta a efervescência política da época, escrito em parte como reportagem na primeira pessoa, é Page, *Revolution that Never Was*.

7 Tad Szulc, “Northeast Brazil poverty breeds threat of a revolt”, *The New York Times*, 31/10/1960.

presidente John F. Kennedy.⁸ A mobilização social deveu-se ao surgimento, em cena, de agrônomos, sociólogos, ativistas e políticos progressistas, mas as ações dos camponeses eram orientadas também por trajetórias e desafios específicos nas diferentes áreas da zona canavieira. A história contada neste livro propicia uma maior compreensão do tumultuoso período que culminou na greve de 1963.

O pleno potencial do movimento se esvaziou quando os militares derrubaram o governo democrático de João Goulart em 1964 e logo intervieram na maioria dos sindicatos rurais. Os anos que se seguiram ao golpe reforçaram a interação entre organismos estatais, de um lado, e grupos de fazendeiros e trabalhadores, de outro, alterando relações sociais e práticas agrícolas. Os choques do petróleo na década de 1970 forçaram a criação de uma estrutura estatal maciça de apoio à produção de álcool combustível (etanol), que levou a um *boom* da cana e acelerou a passagem das relações tradicionais de arrendamento para o trabalho baseado estritamente em salários. A produção e o controle do trabalho supervisionados pelo Estado constituíram a base para uma nova onda de organização e mobilização ao final dos anos 1970, quando os trabalhadores dos canaviais tomaram outra vez a vanguarda do movimento trabalhista rural. Em 1979, organizaram outra greve, apoiando a paralisação dos operários da indústria em São Paulo sob a liderança de Luiz Inácio Lula da Silva, que acabaria sendo eleito presidente em 2002. Juntos, os dois movimentos de 1979 aceleraram o processo de redemocratização.⁹

Estudos sobre esses grandes levantes de trabalhadores rurais em Pernambuco quase sempre analisaram sua dinâmica política, deixando de lado, praticamente, seus contextos agrícolas. A influência de elementos reformistas e ativistas da Igreja Católica teve seu papel, como também a dos comunistas e técnicos do regime militar. Mas a expansão dos canaviais a partir dos anos 1930, a introdução de uma nova variedade de cana nos anos 1950, novos esquemas de pagamento para o corte e outras mudanças importantes influenciaram o cotidiano dos trabalhadores. Nosso livro explora esses aspectos

8 Levinson e Onís, *Alliance*, p.244-46; “Kennedy will begin Brazil visit July 30, *The New York Times*, 25/5/1962.

9 A importância de Pernambuco para o movimento nacional dos trabalhadores rurais é demonstrada pelo fato de um pernambucano – José Francisco da Silva – ter sido presidente da Confederação Nacional dos Sindicatos Rurais (Contag) de 1968 até 1989. A. Pereira, *End of the Peasantry*, p.6.